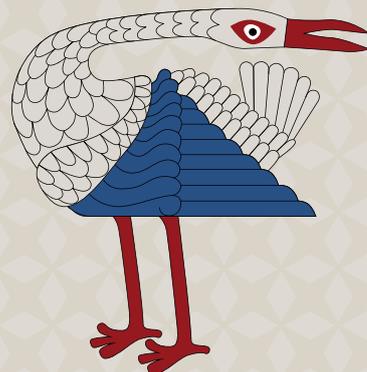
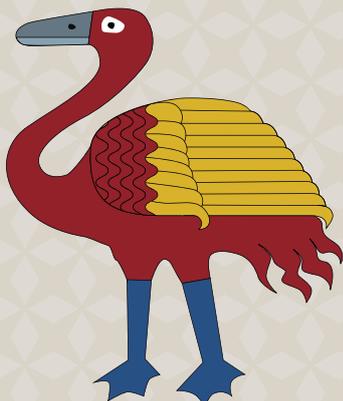
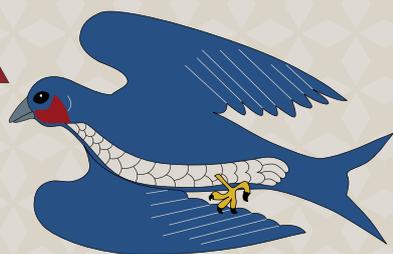
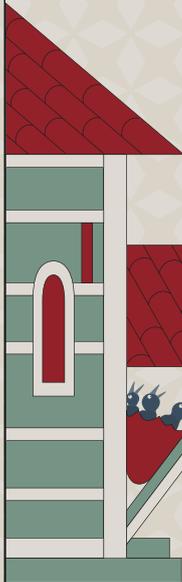


Vidas Manuscritas



Os pergaminhos
medievais
da UnB
em exposição



Vidas Manuscritas

Os pergaminhos
medievais
da UnB
em exposição



Autores Maria Filomena Coelho, Rozana Reigota Naves e Matheus Silveira Furtado

Organizadores Maria Filomena Coelho e Matheus Silveira Furtado

Título Vidas Manuscritas: os pergaminhos medievais da UnB em exposição

Coleção Coleção Medioevum

Local Brasília

Editor Selo Calianandra

Ano 2024

Parecerista Heloisa Maria Moreira Lima de Almeida Sales

Capa e editoração Isabela Lima Alves

Revisora Maria Filomena Coelho

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade de Brasília - BCE/UNB)

V649 Vidas manuscritas [recurso eletrônico] : os pergaminhos medievais da UnB em exposição / organizadores: Maria Filomena Coelho, Rozana Reigota Naves, Matheus Silveira Furtado. - Brasília : Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Humanas, 2024.
68" p. : il. - (Medioevum).

Inclui bibliografia.
Modo de acesso: World Wide Web:
<<http://caliandra.ich.unb.br/>>.
ISBN 978-85-93776-07-6.

1. Manuscritos medievais. 2. Pergaminhos. I. Coelho, Maria Filomena (org.). II. Naves, Rozana Reigota Naves (org.). III. Furtado, Matheus Silveira (org.). IV. Série.
CDU 091

Heloiza dos Santos - CRB 1/1913

Universidade de Brasília

Instituto de Ciências Humanas

Campus Darcy Ribeiro, ICC Norte, Bloco B, Mezanino,

CEP: 70.910-900 — Asa Norte, Brasília, DF

Contato 61 3107-7371

Website caliandra.ich.unb.br

E-mail caliandra@unb.br

SELO CALIANDRA

Conselho Editorial

Membros internos:

Presidente Prof. Dr. Bruno Leal Pastor de Carvalho (HIS/UnB)

Prof. Dr. Herivelto Pereira de Souza (FIL/UnB)

Profa Dra Maria Lucia Lopes da Silva (SER/UnB)

Profa. Dra. Ruth Elias de Paula Laranja (GEA)

Membros externos:

Profa Dra Ângela Santana do Amaral (UFPE)

Prof. Dr. Fernando Quiles García (Universidad Pablo de Olavide — Espanha);

Profa Dra Ilía Alvarado-Sizzo (Universidad Autonoma de México)

Profa Dra Joana Maria Pedro (UFSC)

Profa Dra Marine Pereira (UFABC)

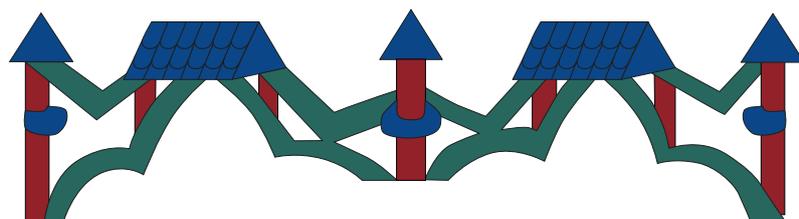
Profa Dra Paula Vidal Molina (Universidad de Chile)

Prof. Dr. Peter Dews (University of Essex — Reino Unido)

Prof. Dr. Ricardo Nogueira (UFAM)

Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International (CC BY-NC-ND 4.0)

A total responsabilidade pelos direitos autorais de textos e imagens dessa obra pertence ao autor.



SUMÁRIO

Apresentação

Maria Filomena Coelho
Rozana Reigota Naves
Matheus Silveira Furtado

Parte I

A exposição *Vidas Manuscritas*: da concepção à execução

1 Idealizando a exposição *Vidas Manuscritas*:
relato curatorial  **10**
Matheus Silveira Furtado

2 Tipografia e imagética: a identidade visual da exposição
Vidas Manuscritas  **33**
Isabela Lima Alves

3 Exposição *Vidas Manuscritas*: uma jornada expográfica de
colaboração e experiência  **51**
Gracy Lima de Oliveira

4 *Condition Report* da exposição *Vidas Manuscritas*:
uma experiência de preservação  **62**
Ana Rita Oliveira de Souza

Parte II
O público e a experiência da mediação educativa

5 Estudo de público da exposição *Vidas Manuscritas* 75
Elmiza Nogueira Pires e Luc Farias Uchôa

6 Da sala de aula à comunidade: uma experiência com os manuscritos medievais da UnB 86
Lucas Cavalcante e Valentina Andrade

7 *Vidas Manuscritas*: o processo de mediação na perspectiva da História 101
Daniel Borges da Fonseca

8 *Flos Visitationum*: uma análise das narrativas do público no *Rolo de Vidas* 110
Lara Beatriz Martins

Parte III
Interfaces entre a História e a Linguística nos manuscritos medievais da UnB

9 *Flos Sanctorum*: atos e consequências 121
Luana Salazar Magalhães

10 Expressões do feminino no manuscrito *Flos Sanctorum* 133
Júlia Carvalho Caldas e João Fellipe Jonas da Silva

11 Modelos político-religiosos medievais nos *Diálogos de São Gregório* 144
Karina Cristina de Almeida Nicolau

12 Léxico e semântica nos *Diálogos de São Gregório* 152
Beatriz Gomes Gaspar e Henrique Lima Vaz

13 Colocação pronominal nos manuscritos medievais: uma ponte para compreender o português contemporâneo  163
Giovanna Duran Soares Santos e Giovanna Pedrosa Feitosa

14 Iluminar o costume: arte e representação nos manuscritos da BCE-UnB  174
Sammya Rodrigues

15 Bestas iluminadas: da Bíblia ao *Livro das Aves*  183
Oliver Figueredo

Parte IV

Vidas medievalizadas: dos manuscritos ao cinema

16 *It's just a flesh wound!* Monty Python e os medievalismos do imaginário contemporâneo  198
Heloísa Helena Santos

17 *O Sétimo Selo*: a Morte entre o Medievalo e o presente  209
Albert Prazeres

18 Dos contos de Chaucer às lentes de Pasolini  218
Caio Dias

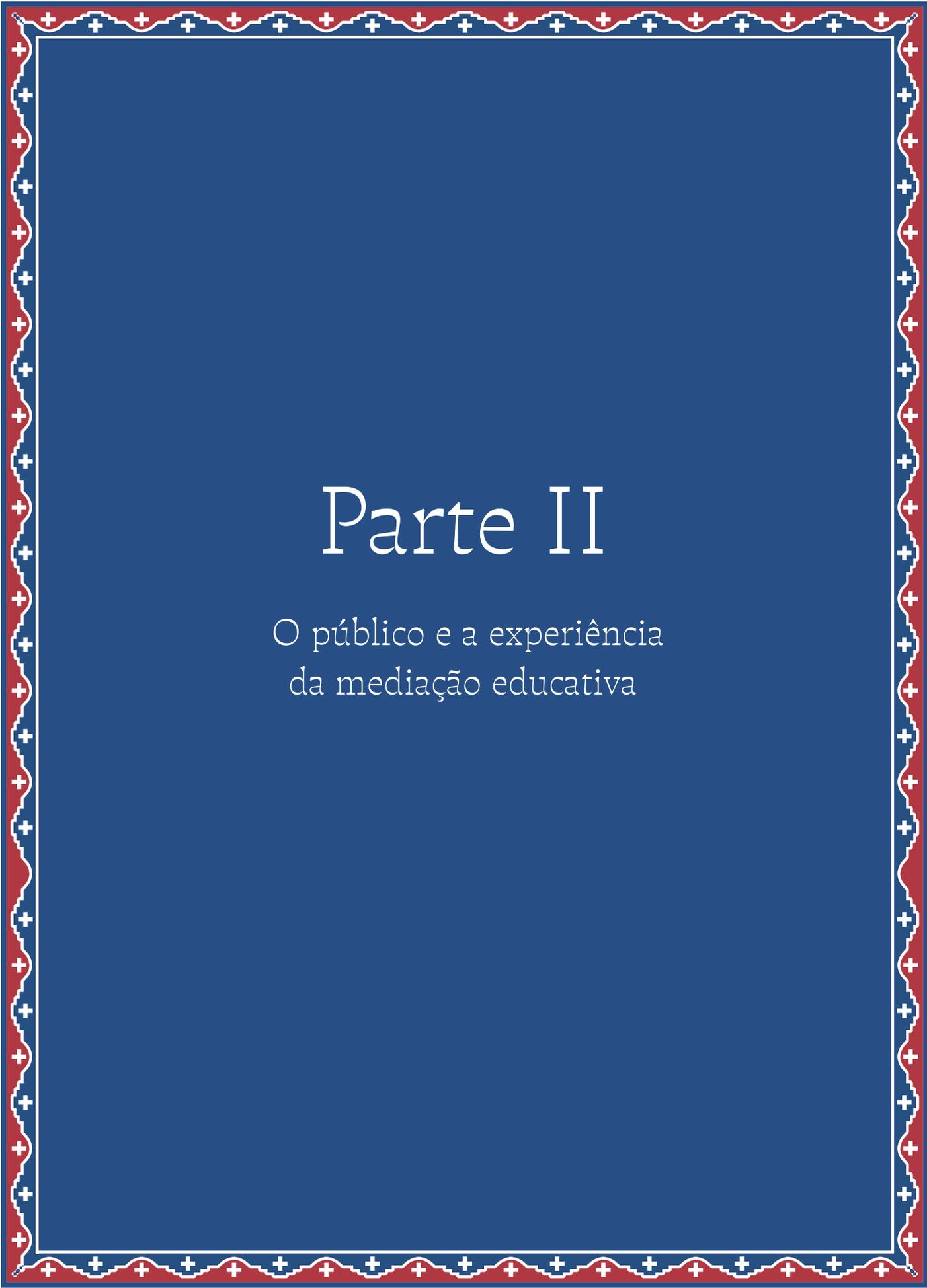
19 As vidas de Joana d'Arc: figuras históricas e usos do passado  228
Letícia Amancio

Anexos

Livro das Aves  237

Vidas fotografadas  246

Ficha técnica da exposição  253



Parte II

O público e a experiência
da mediação educativa

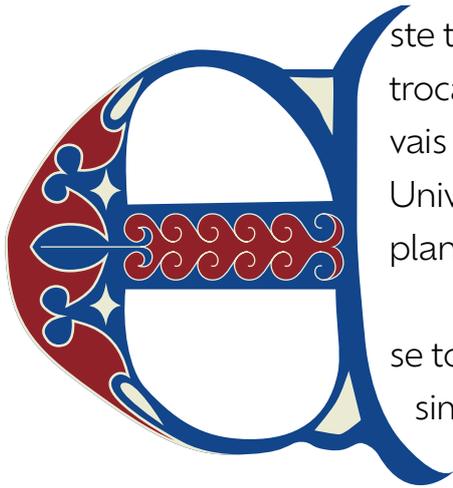
Capítulo 6

Da sala de aula à comunidade:
uma experiência com os
manuscritos medievais da UnB

LUCAS CAVALCANTE¹
VALENTINA ANDRADE²

*Estudante do curso de Letras – Língua Portuguesa e Respectiva Literatura da Universidade de Brasília.
E-mail: lcsgabriel987@gmail.com.

*Estudante do curso de Letras – Língua Portuguesa e Respectiva Literatura da Universidade de Brasília.
E-mail: valentinamenezs@gmail.com.



Este trabalho pretende tratar dos percalços, surpresas, trocas e vicissitudes de se trabalhar manuscritos medievais do século XIV com a comunidade interna e externa à Universidade de Brasília, uma cidade jovem, erguida nos planaltos secos do Centro-Oeste brasileiro.¹

Ao longo do projeto, a exposição *Vidas Manuscritas* se tornou mais uma experiência etnográfica do que um simples esforço expositório. Vimos, na prática, as marés da história agindo sobre a psiquê humana, desgastando normas estabelecidas no inconsciente coletivo, mas mantendo outras no assoalho de suas águas.

O foco da exposição não foi apenas apresentar os textos da seção de Obras Raras da UnB. Houve o trabalho de revitalizá-los e eletrificá-los com a realidade das pessoas que os escreveram, de modo que se tornassem mais vívidos para quem os lesse na exposição. Daí o nome do projeto: *Vidas Manuscritas*. Não se tratava apenas de palavras no papel, mas das vidas de santos, muitas vezes em narrativas fantásticas, que, na verdade, contavam muito mais sobre as vidas dos próprios escritores, dos padrões morais de comportamento daquelas sociedades, dos seus modelos de vida, do que se devia ou não ser ou fazer para estar em conformidade com o *bom, certo* ou *aprovado por Deus*. Ao expormos essa natureza das narrativas, convidamos o visitante a refletir sobre a própria vida. Quais modelos comportamentais ainda hoje carregam certa carga medieval? Quanto disso foi abandonado? Quais modelos valem a pena ser preservados e quais mereceriam o soterramento da história?

Partindo dessa base, que foi a coluna espinhal de todo o projeto, buscamos neste texto relatar a nossa experiência com o desenrolar das atividades, mediações e trocas na exposição. Em um primeiro momento, desenvolvemos considerações de caráter linguístico, sob o título *Do cronocentrismo linguístico* – nessa seção serão apresentados ecos do português arcaico no português contemporâneo e a percepção dos visitantes sobre essa língua aparentemente tão longínqua em comparação com a atual. Após isso, na seção intitulada *Dos percursos metodológicos da formação à exposição*, nos deteremos à análise dos ecos morais religiosos, que surpreendentemente afloraram com muita veemência nas atividades da exposição, e de outras escolhas de mediação feitas pela equipe e suas respectivas rever-

-berações nos resultados apresentados pelos visitantes. Na terceira e última seção, intitulada *Das vivências internas e externas da exposição*, buscamos apresentar um panorama dos aprendizados compartilhados entre os cursos participantes do projeto (História, Letras e Museologia), no que diz respeito à mediação dos três módulos de que se compunha a exposição e ao contato com as Obras Raras, bem como ao próprio processo de formação da equipe². Em todas as abordagens, nossa meta foi fomentar a autopercepção dos visitantes quanto à própria língua e moralidade. Destacamos, ainda, que, ao final deste ensaio, trazemos também uma pesquisa qualitativa realizada entre os integrantes da equipe do projeto, na qual relataram suas percepções individuais sobre a atividade como um todo.

Do cronocentrismo linguístico

Quando expomos qualquer objeto histórico de natureza antrópica para a comunidade, algumas barreiras podem turvar a percepção dessas pessoas em relação ao que está sendo exposto. Essas barreiras podem ser, entre outras coisas, de cunho cultural, étnico ou temporal. Por esse motivo, muito do esforço para tornar a exposição *Vidas Manuscritas* mais efetiva recaiu sobre a atenuação dessas barreiras, principalmente da barreira temporal.

Em termos metafóricos, podemos dizer que o público vê o povo do medievo como verdadeiros alienígenas. Afinal, desde crianças, as pessoas recebem informações sobre esse período histórico vindas das mais variadas fontes, a maioria delas proveniente da indústria cultural, como filmes, jogos, desenhos, livros, novelas, que trazem em si uma visão ora deturpada, ora mágica e profundamente idealizada do medievo. Até faz sentido o aspecto fantástico dessas produções, por sua finalidade. O problema é quando vemos representações equivocadas em meios como jornais, revistas e ambientes como o das instituições de educação básica, onde não raro, aparece a nomenclatura "idade das trevas". Essas representações ajudam a fomentar um sem número de estereótipos, prejudicando a percepção das pessoas sobre esse período histórico.

O principal efeito negativo desse estado de coisas é a desumanização, pois as pessoas do medievo deixam de ser humanas como nós, para se tornarem figuras míticas, exóticas ou misteriosas, de modo quase análogo ao que ocorre no etnocentrismo, mas com relação ao tempo. Essa semelhança foi percebida por Jib Fowles (1974), que, a partir dessa constatação, cunhou o termo cronocentrismo, como derivado do etnocentrismo. Não aplicamos aqui esse conceito em sua totalidade, pois ele tem outras implicações teóricas – apenas nos apegamos a uma parte de sua conceituação em que Fowles discorre sobre o fato de as pessoas tenderem a acreditar que seu tempo é primordial, enquanto os outros períodos são pálidos (op. cit., p. 68). Por esse motivo, a pessoa leiga que porventura visita a exposição, provavelmente chega repleta de preconceções, considerando tudo aquilo muito fantástico e distante de sua realidade. Os sujeitos do passado não são vistos como iguais, com capacidades e limitações parecidas com as nossas, mas como alheios ou, em certa medida, como alienígenas.

A partir desse estado das coisas, o foco da mediação foi promover uma aproximação temporal entre os visitantes e o medievo, reformando as idealizações, mas sem incorrer no anacronismo de julgar a realidade daquela época a partir das lentes atuais.

Assim sendo, a partir do aparato teórico da linguística histórica, buscamos exemplos, nos manuscritos analisados, de construções em português arcaico que fossem ilustrativas dessas semelhanças, bem como das diferenças entre a variedade da língua portuguesa falada naquela época – o português arcaico –, e o português atual, procurando demonstrar como, apesar de sermos profundamente diferentes em decorrência dos sete séculos que nos separam, ainda temos muito mais em comum do que poderíamos imaginar.



Houve um caso bastante ilustrativo desse paradoxo quando empreendemos a mediação junto a uma turma do curso de Museologia da UnB que, por questões logísticas, foi dividida em dois grupos, cada metade ficando sob a responsabilidade de um mediador. A visita à Seção de Obras Raras deixou entrever a barreira temporal: ou os visitantes simplesmente ignoravam que havia algo escrito nos manuscritos por imaginarem algo ilegível ou transpareciam tremenda confusão quando tentavam dar uma olhada. Alguns perguntaram se aqueles textos estavam em latim, outros achavam se tratar de uma outra língua desconhecida, como se estivessem entrando em contato com algo extraterreno, que sequer faziam menção de tentar ler.

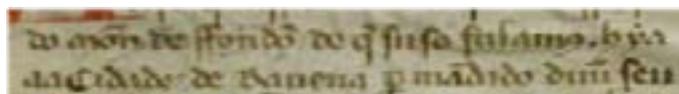
Diante dessa barreira, o trabalho de mediação girou em torno da tentativa de erodi-la, apresentando aos visitantes o português arcaico, algumas noções de linguística histórica e de mudança linguística, com a finalidade de demonstrar como nossa língua evoluiu a partir do latim. Feito isso, a mediação estimulava-os a tentar ler os textos, sem medo ou constrangimento, de uma forma leve e lúdica, tentando – o próprio mediador – pinçar algumas frases para apresentar aos visitantes. O conhecimento escasso de paleografia por parte do mediador rendeu dificuldades que podem ter servido de estímulo, aproximando-o dos visitantes e tornando a barreira mais instável – o que, como estratégia de aproximação, acabou sendo efetivo.

Já na galeria, outro duro golpe na barreira temporal. No segundo módulo da exposição, reservado ao manuscrito *Flos Sanctorum*, havia algo novo: a transcrição dos textos selecionados. Essa versão dos manuscritos causou uma quebra na barreira temporal, pois os visitantes puderam observar que muito da incompreensão em relação ao português arcaico não vinha da diferença entre as variedades linguísticas, mas da própria escrita, da grafia gótica, das abreviações, sinalizações e do emprego da pontuação nos escritos medievais.

Ainda assim, aquele texto transcrito parecia um tanto exótico, com tantos "y" e "h". Contudo, a partir do esclarecimento de que esse aparente exotismo decorria do fato de que as pessoas do medievo escreviam como falavam, pois não havia normatização ortográfica e gramatical na época, buscou-se estimular os visitantes a tentar ler os fragmentos ignorando o que conheciam de gramática ou de norma culta do português, focando na sonoridade, na produção fonológica. Ao lerem em voz alta, os visitantes percebiam muito do que antes parecia coisa de outro mundo: não estavam mais diante de alienígenas, mas de seres humanos com as mesmas faculdades mentais e com uma língua estranhamente familiar.

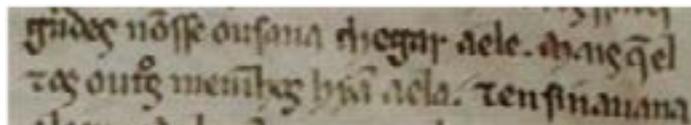
Além desse exemplo mais ilustrativo, buscamos exemplos de variação linguística que fossem familiares aos leitores contemporâneos, tentando explorar as várias engrenagens do sistema linguístico humano, como semântica, fonologia, morfologia e sintaxe, bem como a confrontação desse sistema biológico com a normatização encontrada nas gramáticas tradicionais.

Nessa toada, um dos exemplos mais utilizados, que aparecia em uma das legendas expandidas da exposição e dizia respeito à crase, possibilitou levantar questões fonéticas, ortográficas e de normatização. Muitos pensavam que a crase correspondia simplesmente ao emprego do acento grave. Todavia, esse acento representa, na verdade, um fenômeno fonético: quando temos duas vogais idênticas, uma ao lado da outra, elas são pronunciadas em um só impulso fônico, definido como crase. O que ocorre é que, em português, é comum que o artigo definido feminino "a" apareça ao lado de uma preposição direcional "a". Nesses casos, a gramática tradicional contemporânea representa a fusão dessas duas vogais por meio da marcação gráfica desse fenômeno pelo acento grave. Todavia, não era assim no medievo, já que não havia normatização gráfica naquela época, ocorrendo a justaposição das duas vogais, como no seguinte exemplo: ³



"(...) HYA AA CIDADE DE RAVENA (...)"
(IA À CIDADE DE RAVENA)

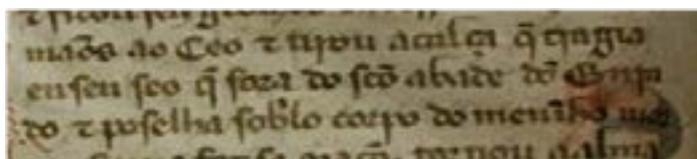
Pudemos, a partir desse fato, discutir qual o papel da normatização (gramáticas, acordos ortográficos, dicionários) enquanto estratégia de homogeneização da língua. Mais um exemplo que dialogou com essa questão foi a dicotomia *mas* × *mais*, em que o primeiro é uma conjunção adversativa e o segundo, um advérbio de intensidade ou quantificador. Entretanto, do ponto de vista linguístico, essa diferença só existe a nível morfossintático, sendo, na realidade, palavras homófonas (que apresentam a mesma pronúncia, mas têm significados ou pertencem a categorias distintas). Não é surpreendente, portanto, quando encontramos no português arcaico a mesma grafia "mais" para os dois usos, afinal, naquele tempo o contraste gráfico entre a conjunção adversativa e o advérbio de intensidade não havia sido, ainda, normatizado.⁴



"(...) MAIS Q EL E OS OUT^oS MENI^hOS HY^ã A ELA. (...)"
(MAS QUE ELE E OS OUTROS MENINOS IAM A ELA)

Esses exemplos demonstram que os chamados "erros" ortográficos de crianças em idade escolar ou de pessoas com baixo nível de letramento gramatical têm um fundamento linguístico, de base fonológica, o que explica que esse tipo de ocorrência seja encontrado na língua portuguesa há mais de 700 anos, uma vez que o estabelecimento das convenções de escrita remonta a uma tradição que se define a partir das gramáticas do século XVI, como a *Grammatica da Lingoagem Portuguesa*, redigida por Fernão de Oliveira, em 1536.

Além dos exemplos de fenômenos fonológicos e sua relação com as convenções ortográficas, as legendas expandidas alocadas na galeria traziam um exemplo de evolução semântica, ou seja, de mudança de significado. Trata-se do uso do vocábulo "seo" (seio):⁵



"(...) E TIROU A CALÇA Q TRAGIA EN SEU SEO Q FORA DO SCTO ABADE DÕ ONRADO (...)"
(E TIROU A CALÇA QUE TRAZIA EM SEU SEIO QUE FORA DO SANTO ABADE DOM ONRADO).

Antes de adentrarmos na semântica propriamente, é interessante notar que, graficamente, percebemos o surgimento de uma semivogal "i", dando origem à forma atual "seio". Esse acréscimo representa o processo fonológico do tipo metaplasmato, chamado ditongação. Tal fenômeno é muito comum atualmente, podendo ser visto em palavras como "português" (*portuguêis**), "três" (*treis**), "Goiás" (*Goiáis**), "arroz" (*arroiz**), "Jesus" (*Jesuis**), mostrando que a evolução que um dia ocorreu no português arcaico em ambientes de contato entre duas vogais, e que passou a ser representado na escrita do português atual, continua ocorrendo em outros ambientes fonológicos na nossa língua (como é o caso dessas palavras terminadas com som de "s"), podendo dar origem a uma inovação futura (ou não, já que nem toda variação linguística produz mudança linguística).

Adentrando no campo da semântica, percebemos, no exemplo acima, uma restrição de significado quanto a que ente da realidade a palavra nomeia. No medievo, "seo" remetia à ideia de seio materno ou paterno, uma referência ao colo, independente do gênero. Embora esse significado ainda possa ser empregado em contextos específicos, no português contemporâneo, o sentido mais usual remete, atualmente, à região peitoral das mulheres. Faraco (2007) aborda esse tipo específico de evolução do sentido: "Na semântica histórica, fala-se, por exemplo, de processos que reduzem (restringem) o significado da palavra e de outros que ampliam o significado" (p. 40).

Nos manuscritos, pudemos observar outros fenômenos de variação linguística, de cunho morfológico e sintático, por exemplo. Entretanto, os dados aqui relatados já dão ideia da direção tomada pela mediação na tentativa de transpassar as barreiras do tempo no que tange à percepção linguística. O percurso foi um convite para que os visitantes refletissem sobre a própria produção linguística em sua comunidade de fala e o papel da escola enquanto mantenedora e fomentadora da tradição gramatical. Assim, os visitantes notavam que, ao lerem os textos transcritos em voz alta, aquela língua antes ininteligível era, na verdade, familiar e, em alguns casos, até mais semelhante à atual que a própria forma culta.

Dos percursos metodológicos da formação à exposição

Sob outra perspectiva, tendo em vista que o conteúdo dos manuscritos era inteiramente voltado à moral cristã, a escolha vocabular para a mediação foi igualmente um dos impasses com os quais tivemos de lidar. Apesar do esforço para manter uma postura neutra, que reforçasse os objetivos da exposição – de ampliar possibilidades de narrativas e de modelos de vida –, frequentemente esbarramos com impressões de visitantes que mais perpetuavam a visão dos manuscritos do que reinventavam suas histórias, o que não foi um resultado incomum para a mediação, cujo percurso, em qualquer exposição, não se pode prever e, muitas vezes, contraria o esperado.

Os resultados da dinâmica de cada módulo revelaram uma variação quanto ao conteúdo das respostas dos visitantes. As produções elaboradas no módulo do livro Diálogos de São Gregório seguiram, em sua maioria, a temática medieval cristã dos manuscritos, de modo que os contos, poemas, crônicas e demais textos orais ou escritos produzidos pelo público trouxeram narrativas que transmitiram ensinamentos morais, semelhantes àqueles expressos no manuscrito. Embora a mediação objetivasse a abertura de um leque de caminhos narrativos (por meio de crônicas, expressões cênicas etc.), acreditamos que os resultados penderam para a esfera religiosa por ser aquele o primeiro módulo da exposição, de contato inicial com o conteúdo dos manuscritos e com a proposta do projeto. Nesse módulo, em que identificamos a presença de resultados efêmeros, a restrição das narrativas produzidas à esfera medieval poderia ser resultado, em parte, do fato de os dados remeterem a personagens, situações e objetos desse passado, “prendendo”, assim, os visitantes naquele mundo. Alguns grupos até atualizavam os nomes – citando, por exemplo, exemplos de vida como o da Irmã Dulce e o do Papa Francisco, numa clara atualização temporal das personagens –, mas o enredo, em si, permaneceu no campo do medievo.

A alta incidência de histórias de temas religiosos nessa primeira estação, no entanto, não foi indício de que a mediação não teria cumprido o seu objetivo na exposição. Pudemos perceber isso tanto pelo desenvolvimento das respostas dos demais módulos – que expandiram a ideia de “vidas” para além dos modelos dos manuscritos –, quanto pela qualidade das produções, que, além de revelarem um exercício da criatividade dos visitantes, trouxeram elementos cômicos, fantásticos, intertextuais e contemporâneos às narrativas, o que, por si só, já demonstrava o alcance do propósito do projeto *Vidas Manuscritas*.

Os resultados apresentados no segundo módulo assemelharam-se aos da “cama de gato”, construída para a Semana Universitária. Embora a proposta de escrita de “modelos de vida”, por ser subjetiva, tenha possibilitado que muitos dos visitantes, cristãos e provavelmente inspirados pelo próprio conteúdo dos manuscritos, optassem também por seguir a temática dos livros e apresentar modelos religiosos de vidas, a mediação e, acreditamos, a exposição de exemplos de produções prontas, elaboradas pelos próprios mediadores em fase de formação, ampliaram a perspectiva da proposta, gerando mais resultados não religiosos em comparação com o primeiro módulo. Podemos dizer que a proposta da segunda estação, baseada no *Flos Sanctorum* foi alcançada, afinal preenchemos, junto ao público, o “rolo de vidas” que também representava os manuscritos medievais. A particularidade desse módulo foi a oportunidade de um momento de reflexão ao visitante, promovendo a elaboração de textos profundos, reais, íntimos e particulares por parte do público. A própria natureza textual da produção – a autobiografia – pode ter promovido um certo descolamento dos gêneros textuais dos manuscritos, possibilitando a escrita de gêneros diversos.

O terceiro módulo, por sua vez, foi o que menos apresentou a temática religiosa. Acreditamos que a razão disso esteja atrelada ao fato de que os visitantes já teriam absorvido a proposta do projeto *Vidas Manuscritas*, de transcender as narrativas de modelos de vida medievais. Outra possível explicação para a baixa incidência da temática cristã estaria atrelada à própria natureza da atividade, cujo processo de produção artística não estava vinculado a nenhuma narrativa propriamente dita, mas sim à tentativa de reprodução das iluminuras por si mesmas. Percebemos que a escolha da reprodução das aves dos manuscritos foi majoritariamente estética, não se relacionando à moralidade de cada animal, transmitida no *Livro das Aves*. Nas produções que fugiram às imagens constantes nos manuscritos, para além da pintura de pombas, igrejas e vitrais, obtivemos ilustrações de personagens famosos, aves brasileiras e outras figuras originais, o que demonstrou a liberdade tomada pelos visitantes para criar. Sob nossa percepção, o foco no meio – a técnica inspirada pelas “iluminogravuras” do Movimento Armorial, de Ariano Suassuna –, e não no objeto a ser representado, foi o principal elemento da mediação, necessário para gerar tal gama tão diversa de resultados.⁶

Pudemos perceber, diante disso, que o desafio de trabalhar o tema religioso sob uma perspectiva histórica, não doutrinária, foi bem contornado. A preocupação em transmitir as histórias medievais da melhor forma possível, no entanto, veio muito antes do início das práticas de mediação na exposição. Nos primeiros estudos dos textos, a discussão ocorreu com relação à palavra *ẽmijgo*, no seguinte trecho da transcrição de Serafim da Silva Neto (1950, p. 21):

E pois que o padre Equicio entrou na orta o ẽmijgo que entrara na mōja começou a dizer e a braadar per boca da mōja come se quisesse fazer enmēda: — Que he o que eu 25 figi? Que he o que eu figi? — come se dissesse: En que são eu culpado? En que soon eu culpado?

O vocábulo acima, utilizado para se referir ao inimigo cristão, o demônio, foi motivo de debate no período de preparação das legendas e dinâmicas da exposição, por se tratar de sinônimo de palavra que poderia suscitar diferentes posicionamentos cristãos e, eventualmente, inviabilizar a participação de alguns visitantes, uma vez que há crentes que acreditam no poder da palavra e que, portanto, evitam a pronúncia de termos aos quais atribuem poder sobrenatural de atrair infortúnio ou desgraça. Os mediadores se viram, então, no impasse de manter o termo utilizado nos manuscritos, correndo o risco de recair em vagueza e ambiguidade pela amplitude que o vocábulo “inimigo” poderia assumir, ou especificá-lo, utilizando “demônio”, “satanás”, ou alguma de suas variações encontradas nos manuscritos, correndo o risco de ofender ou até mesmo afastar visitantes que evitariam esse tipo de vocábulo. Após discussões, optamos pela manutenção da forma utilizada nos textos medievais, uma vez que os sinônimos de palavras interditas são utilizados até hoje com mais naturalidade, sem a atribuição de maus pressentimentos (MONTEIRO, 1986, p. 11). Delegamos, portanto, à mediação a tarefa de explicar o termo, no contexto das histórias dos manuscritos, de modo a aproximar a palavra àqueles que não estavam familiarizados com o enquadramento cristão, evitando, ao mesmo tempo, as suscetibilidades do público religioso.

Esses foram obstáculos que tivemos de contornar ao trabalhar a matéria religiosa em contexto universitário. Assim, o contato direto com o público da exposição foi o termômetro necessário para manter ou aprimorar a mediação, no que tange aos assuntos potencialmente delicados dos manuscritos. Esses mesmos assuntos e as discussões que travamos em torno deles, inclusive, foram elementos que demonstraram as semelhanças que trazemos ainda nos tempos atuais em relação ao medievo. No caso da escolha da palavra “inimigo”, por exemplo, percebemos que a preocupação em utilizar circunlóquios ou eufemismos para transmitir mensagens sobre males do mundo, no geral, era um traço linguístico que permanece entre os falantes de hoje e, portanto, nos aproximava dos textos base da exposição (MONTEIRO, 1986, p. 11).

Das vivências internas e externas da exposição

Outra experiência coletiva vivenciada pela equipe de mediação foi a percepção de interdisciplinaridade ampliada pelo projeto. O contato com visitantes de outros cursos, para além de História, Letras e Museologia, foi essencial ao aprimoramento do processo mediador, revelando, ainda, uma abrangência maior que a esperada das áreas de estudo sobre os objetos da exposição. Estudantes de Biologia, por exemplo, fizeram comentários sobre ilustrações científicas medievais a partir da mediação sobre o *Livro das Aves*; estudantes de Artes acrescentaram novas técnicas àquela proposta no módulo *Aves e Penas*; estudantes de Biblioteconomia agregaram novas interpretações à proposta do módulo do livro *Flos Sanctorum*. Naturalmente, os visitantes de História, Letras e Museologia fizeram as maiores contribuições no que tange à troca de informações durante a mediação, trazendo dados sobre a confecção dos manuscritos, a fonologia do português, a relação entre imagem e texto no medievo, a paleografia, a historicidade da Bíblia e a própria epigrafia, entre outros assuntos discutidos com os mediadores. A comunidade externa trouxe valiosas contribuições, principalmente do campo histórico, por se tratarem os visitantes externos, em sua maioria, de estudantes do Ensino Médio, que estavam iniciando seus estudos sobre a Idade Média, e de ex-estudantes de História da própria universidade.

Um formulário online, elaborado nas últimas semanas de funcionamento da exposição e respondido pelos mediadores dos três cursos envolvidos no projeto, revelou que o contato com o público e o compartilhamento de experiências entre os mediadores moldaram o processo mediador de cada membro da equipe, a seu modo. A pesquisa revelou que, enquanto uns adaptaram sua mediação a um modelo menos expositivo e mais interacional, perguntando a opinião dos visitantes sobre o exposto, outros adaptaram-na a partir de sugestões de outros mediadores, iniciando sua mediação a partir de referências modernas das vidas dos visitantes ou, até mesmo, fazendo algum comentário descontraído entre os módulos, a fim de quebrar a barreira de “guia” expositivo e criar maiores vínculos com o público.

Uma resposta praticamente unânime entre os mediadores dos três cursos participantes do projeto foi aquela dada à pergunta referente aos aspectos positivos das vivências na exposição e do contato com os manuscritos. Os resultados demonstraram que a troca de conhecimentos entre o público e a equipe mediadora, bem como internamente à própria equipe, foi a principal vantagem percebida por todos. Nossas experiências de cooperação e convivência, aliadas ao contato crescente com a comunidade externa e acadêmica, permitiram um aprofundamento na temática do projeto para além do conteúdo aprendido em sala de aula, seja pelo modo como o aprendizado conjunto foi construído durante as semanas da exposição, a partir do compartilhamento de histórias, conversas e materiais didáticos, seja pela forma como as lacunas nesse progresso foram sendo preenchidas, com perspectivas individuais dos interessados pelo objeto exposto e com o desejo de pesquisa de cada mediador, impulsionado pelas dúvidas de cada visitante.

A experiência direta com os manuscritos, por sua vez, foi percebida coletivamente como uma oportunidade única proporcionada pela Universidade de Brasília. Nesse sentido, a possibilidade de estender essa oportunidade à sociedade, estimulando outros estudantes universitários e escolares, assim como docentes e público externo, a participarem do mundo da pesquisa, foi aproveitada por todos. Foi, portanto, graças à preservação dessas obras raras que se materializou uma ponte entre o passado e o presente, construída pelos modelos de vida que se perpetuam ou se modificam nesse trajeto, e foi, portanto, cumprida uma das missões culturais e científicas da academia: a ampliação da sala de aula universitária pela interação com a sociedade.

Notas

1- Destaca-se que a exposição recebeu, também, uma escola de Salvador, no mês de outubro de 2024. As considerações feitas neste trabalho se estendem também a esse grupo, embora o foco esteja nos visitantes de Brasília.

2- A exposição se compôs de três módulos, a saber: o módulo Vidas à Sorte, dedicado ao livro Diálogos de São Gregório; o módulo Aves e Penas, referente ao Livro das Aves; e o módulo Rolo de Vidas, elaborado para o livro Flos Sanctorum. Os visitantes tiveram, ainda, a oportunidade de visitar a Seção de Obras Raras da Biblioteca Central da Universidade de Brasília em que foram expostos fólhos originais de cada livro dos manuscritos medievais.

3- Trecho retirado da obra Diálogos de São Gregório, especificamente do trecho "De como São Libertino ressuscitou um morto e o entregou a sua mãe com vida".

4- Trecho retirado da obra Flos Sanctorum, especificamente da narrativa "Como santa benta a virgem foi julgada com seu esposo".

5- Trecho retirado da obra Diálogos de São Gregório, especificamente do trecho "De como São Libertino ressuscitou um morto".

6- O Movimento Armorial foi adotado como base para a elaboração da terceira dinâmica por combinar a iluminura da Idade Média – técnica de pintura que acompanhava os textos medievais, seja em letras capitulares dos códices de pergaminhos, seja entre os textos desses – com a gravura – técnica produzida a partir de uma matriz, transferida com tinta para o papel (ARTSOUL, 2023).

Referências

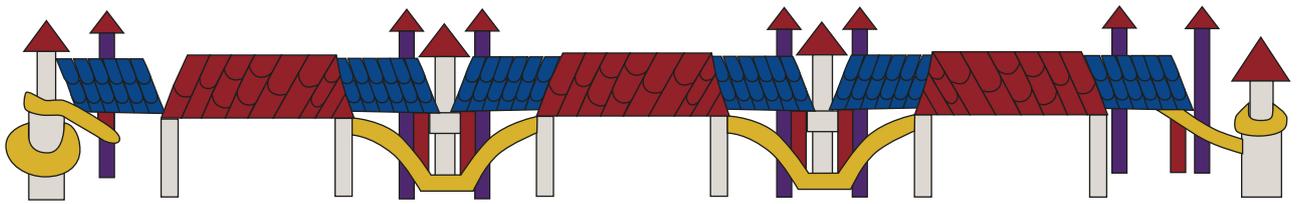
ARTSOUL. Ariano Suassuna. 2023. Disponível em: <https://artsoul.com.br/artistas/ariano-suassuna>. Acesso em: 9 nov 2023.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. 2ª edição. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

FOWLES, Jib. On Chronocentrism. *Futures Essay*, v. 6, n. 1, p. 65-68, 1974.

MONTEIRO, José Lemos. As palavras proibidas. *Revista de Letras*, Fortaleza, v. 11, n. 2, p. 11-23, 1986.

SILVA NETO, Serafim da. *Diálogos de São Gregório*. Coimbra: Atlântida, 1950.



Libro das Aves

REGISTRO FOTOGRÁFICO



Tratados do Açor



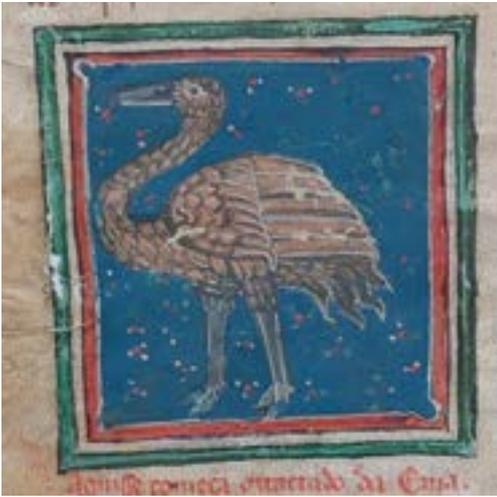
Tratado da Cegonha



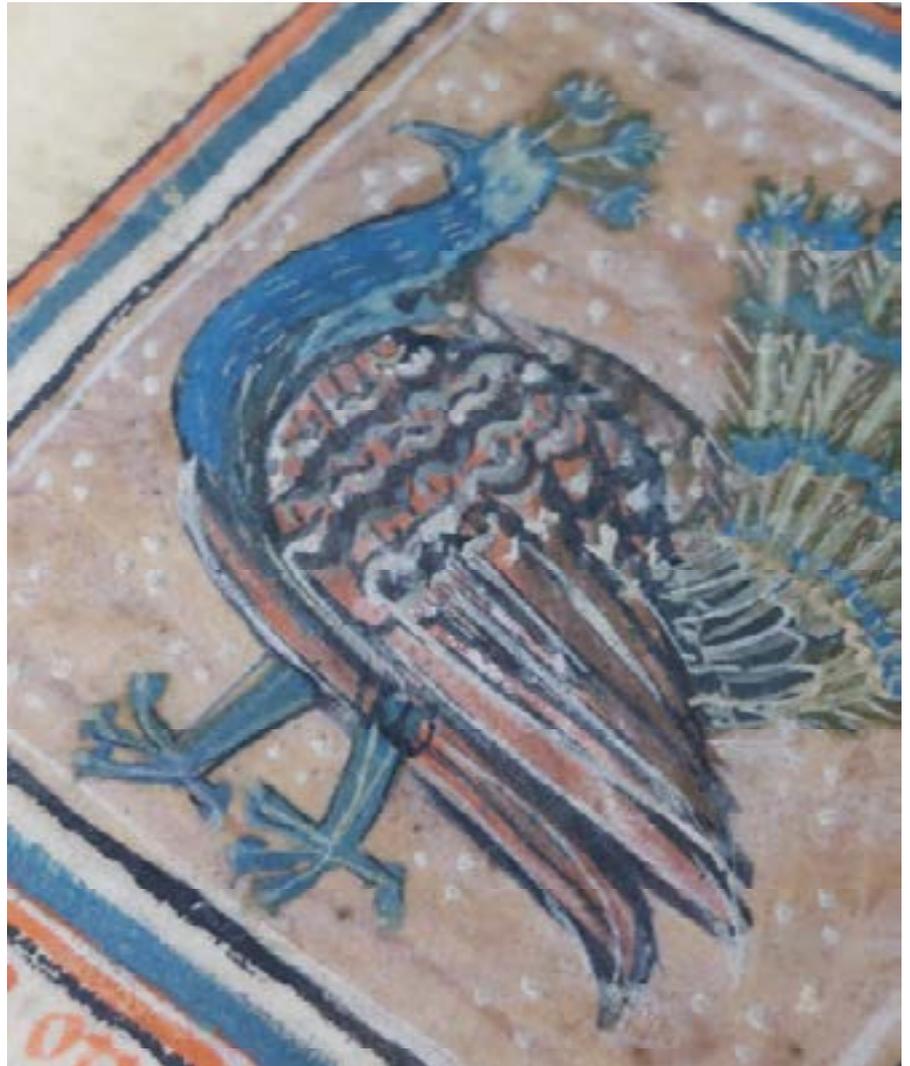
Tratado do Noitibó



Tratado da Ema



Tratado do Pavão



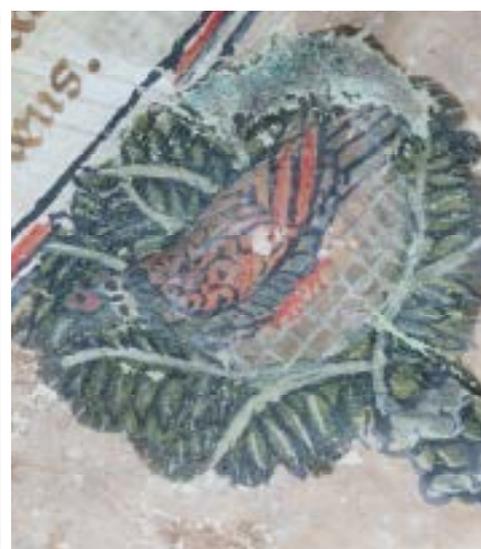
Tratado da Águia



Tratado da Andorinha



Tratado da Tortor/Rola



Ezequiel

... de
... dece
... tenha.
... q' falg
... to am

confas q' uio de q' auian de puaq.
**De como ezechiel o profeta pos aas
quatro euangelistas a cada hua sa
semelhanca:.**



Vidas Fotografadas





Histórias dos Diálogos de São Gregório

Os textos dos Diálogos de Gregório são uma obra de grande importância para o conhecimento da cultura e da história da Igreja Católica. Este livro apresenta uma seleção cuidadosa de textos que abordam temas como a vida espiritual, a moralidade e a vida comunitária. Seguem-se as histórias selecionadas para serem trabalhadas em sala de aula.



@expo_vidasmanuscritas



BIBLIOTECA CENTRAL DA UNB



Vidas à Sorte

Aves e Penas

Rolo de Vidas



Vidas Manuscritas

Chefe das Coleções Especiais
da BCE Jefferson Higino



Visas Manuscritas

Abertura oficial da Exposição



Curador Matheus Furtado



Professora Filomena Coelho

CONTE A SUA HISTÓRIA
na Galeria da BCE



EXPOSIÇÃO

Visas Danuscritas

De 10 de outubro até 14 de novembro

9h às 17h



OBRAS RARAS BCE-UNB

Visas Femininas Danuscritas



Visas Danuscritas

EXPOSIÇÃO

Visas Femininas Danuscritas



Visas Danuscritas "O FUTURO SEPARADO É FEMININO"



Femininas



as Danuscritas




Visas








Oficina de gravura
por @expo_vidasmanuscritas



Ficha Técnica

Vidas Manuscritas: os pergaminhos medievais da UnB em exposição

Projeto de Extensão da Universidade de Brasília (UnB)

Coordenação geral

Dra. Maria Filomena Coelho PPGHIS - HIS/UnB

Coordenação adjunta

Dra. Rozana Reigota Naves - LIP/UnB

Responsáveis Coleções Especiais/Seção de Obras Raras (BCE-UnB)

Jefferson Higino Dantas

Dr. Raphael Greenhalgh

Ms. Néria Lourenço

Curadoria e idealização

Ms. Matheus Silveira Furtado

Coordenação de Programa Educativo

Dariane Resende

Design gráfico

Isabela Lima Alves

Projeto expográfico

Gracy Lima de Oliveira

Produção

Filigrana - Museologia

Montagem

Marcelo Capella

Apoio

Instituto de Ciências Humanas (ICH/UnB)

Programa de Pós-Graduação em História (PPGHIS/UnB).

Mediação

Beatriz Gaspar, Daniel Fonseca, Elmiza Pires, Gabriel Trajano, Gabriel Santos, Giovanna Duran Santos, Giovanna Feitosa, Helena Camelo, Henrique Lima Vaz, João Fellipe da Silva, Júlia Caldas, Karina Nicolau, Kamilla do Carmo, Lara Beatriz Martins, Lucas Cavalcante, Luana Magalhães, Luc Uchôa, Maria Eduarda Itacaramby, Oliver Figueredo, Sofia De Brot, Sophia Gomes, Sammya Rodrigues, Tainara Martins, Valentina Andrade, Yasmin Tavares.

